

“Muitas vezes a oração é uma luta”

Hoje foi dia de retomar a Audiência Geral com a presença dos peregrinos no Pátio São Dâmaso, no Vaticano. O Papa Francisco em sua catequese reforçou a importância de enfrentar tempos carregados de dificuldades na oração, e de perseverar na oração.

12/05/2021

**Catequese 33 - *O combate da
oração***

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Sinto-me feliz por retomar este encontro face a face, pois digo-vos uma coisa: não é agradável falar em frente de nada, em frente de uma câmera. Não é agradável. E agora, depois de tantos meses, graças à coragem de monsenhor Sapienza – que disse: “Não, façamo-la ali” – estamos aqui reunidos. Muito bem, monsenhor Sapienza! Encontrar o povo, encontrar-vos, cada um com a própria história, pessoas que vêm do mundo inteiro, da Itália, dos Estados Unidos, da Colômbia, depois aquela pequena equipe de futebol de quatro irmãozinhos suíços – penso – estão ali... quatro. Falta a irmãzinha, esperemos que ela chegue... E ver cada um de vocês dá-me prazer, porque somos todos irmãos no Senhor e olhar uns para os outros ajuda-nos a rezar uns pelos outros. Até as pessoas que estão longe, mas que se fazem sempre próximas. A

sœur Geneviève, que não pode faltar, que vem dum Parque de diversões, pessoas que trabalham: são muitas e estão todas aqui. Obrigado pela sua presença e pela sua visita. Levem a mensagem do Papa a todos. A mensagem do Papa é que rezo por todos, e peço que rezem por mim unidos em oração.

E por falar em oração, a oração cristã, como toda a vida cristã, não é um “passeio”. Nenhum dos grandes orantes que encontramos na Bíblia e na história da Igreja teve uma oração “confortável”. Sim, podemos rezar como os papagaios – blá-blá-blá – mas isto não é oração. A oração certamente concede uma grande paz, mas através de uma luta interior, às vezes dura, que pode acompanhar até longos períodos da vida. Rezar não é fácil e por isso fugimos da oração. Cada vez que a queremos fazer, de repente lembramos de outras atividades, que naquele

momento parecem mais importantes e urgentes. Isto acontece também a mim: vou rezar um pouco... E não, devo fazer isto e aquilo... Fugimos da oração, não sei porque, mas é assim. Quase sempre, depois de termos adiado a oração, percebemos que aquelas coisas não eram absolutamente essenciais, e que talvez tenhamos desperdiçado tempo. O Inimigo engana-nos deste modo.

Todos os homens e mulheres de Deus relatam não só a alegria da oração, mas também o desconforto e o cansaço que ela pode provocar: às vezes é uma luta difícil respeitar os tempos e as formas de oração. Alguns santos levaram-na a cabo durante anos sem experimentar qualquer gosto por ela, sem se perceberem a sua utilidade. O silêncio, a oração e a concentração são exercícios difíceis, e por vezes a natureza humana rebela-se.

Preferiríamos estar em qualquer outro lugar do mundo, mas não ali, naquele banco de igreja rezando. Quem quiser rezar deve lembrar-se de que a fé não é fácil, e às vezes procede na quase total obscuridade, sem pontos de referência. Há momentos da vida de fé que são obscuros e por isso alguns santos chamaram-nos: “A noite escura”, pois não se sente nada. Mas eu continuo a rezar.

O *Catecismo* enumera uma longa lista de inimigos da oração, aqueles que tornam difícil rezar, que põem dificuldades (cf. n. 2726-2728). Alguns duvidam que a oração possa realmente alcançar o Todo-Poderoso: por que permanece Deus em silêncio? Se Deus é Omnipotente, poderia dizer duas palavras e pôr fim à história. Perante a intangibilidade do divino, outros suspeitam que a oração é uma mera operação psicológica; algo que pode ser útil,

mas que não é verdadeiro nem necessário: poder-se-ia até ser praticante sem ser crente. E assim por diante, muitas explicações.

Contudo, os piores inimigos da oração estão dentro de nós. O *Catecismo* chama-os assim: “desânimo na aridez, tristeza por não dar tudo ao Senhor, porque temos “muitos bens”, decepção por não sermos atendidos segundo a nossa própria vontade, o nosso orgulho ferido que se endurece perante a nossa indignidade de pecadores, alergia à gratuitidade da oração” (n. 2728). Trata-se claramente de uma lista sumária, que poderia ser aumentada.

O que fazer no tempo da tentação, quando tudo parece vacilar? Se olharmos para a história da espiritualidade, vemos imediatamente que os mestres da alma foram muito claros sobre a

situação que descrevemos. Para a superar, cada um deles ofereceu alguma contribuição: uma palavra de sabedoria, ou uma sugestão para enfrentar tempos carregados de dificuldades. Não se trata de teorias elaboradas, não, mas de conselhos nascidos da experiência, que mostram a importância de resistir e perseverar na oração.

Seria interessante rever pelo menos alguns destes conselhos, porque cada um deles merece ser estudado em profundidade. Por exemplo, os *Exercícios espirituais* de Santo Inácio de Loyola são um livro de grande sabedoria, que ensina como pôr a vida em ordem. Faz-nos compreender que a vocação cristã é militância, é decisão de estar sob a bandeira de Jesus Cristo e não sob a do diabo, procurando praticar o bem até quando se torna difícil.

Nos tempos de provação é bom lembrar que não estamos sozinhos, que alguém olha para nós e nos protege. Até Santo Antão, fundador do monaquismo cristão, enfrentou momentos terríveis no Egito, quando a oração se tornou uma dura luta. O seu biógrafo Santo Atanásio, Bispo de Alexandria, narra que um dos piores episódios aconteceu ao Santo eremita por volta dos trinta e cinco anos, a meia-idade que para muitas pessoas comporta uma crise. Antão ficou perturbado com aquela provação, mas resistiu. Quando finalmente voltou a sentir-se sereno, dirigiu-se ao seu Senhor com um tom quase de reprovação: “Onde estavas? Por que não vieste imediatamente para pôr fim aos meus sofrimentos?”. E Jesus respondeu: “Antão, eu estava lá. Mas esperava para te ver combater” (*Vida de Antão*, 10). Lutar na oração. E muitas vezes a oração é uma luta. Lembro-me de algo que vivi de perto, quando estava na outra diocese.

Havia um casal que tinha uma filha de nove anos com uma doença que os médicos não sabiam o que era. E finalmente, no hospital, o médico disse à mãe: “Senhora, chame o seu marido”. E o marido estava no trabalho; eram operários, trabalhavam todos os dias. E disse ao pai: “O bebê não vai superar a noite. É uma infecção, não há nada que podemos fazer”. Aquele homem, talvez não fosse à missa todos os domingos, mas tinha uma grande fé. Saiu a chorar, deixou a sua esposa com a criança no hospital, pegou o trem e fez a viagem de setenta quilômetros até à Basílica de Nossa Senhora de Luján, Padroeira da Argentina. E lá – a Basílica já estava fechada, eram quase dez horas da noite – ele agarrou-se às grades da Basílica e rezou toda a noite a Nossa Senhora, lutando pela saúde da sua filha. Isto não é uma fantasia; eu vi-o! Eu vivi isto. Aquele homem ali lutando. No final, às seis horas da

manhã, a igreja abriu-se e ele entrou para saudar Nossa Senhora: toda a noite “lutou”, e depois foi para casa. Quando chegou, procurou a sua esposa, mas não a encontrou, e pensou: “Ela foi embora. Não, Nossa Senhora não me pode fazer isto”. Depois encontrou-a, sorrindo e dizendo: “Mas não sei o que aconteceu; os médicos dizem que a situação mudou e agora está curada”. Aquele homem que lutava com a oração obteve a graça de Nossa Senhora. Nossa Senhora ouviu-o. E eu vi isto: a oração faz milagres, porque a oração vai direta ao centro da ternura de Deus que nos ama como um pai. E quando Ele não nos concede uma graça, dar-nos-á outra que veremos a seu tempo. Mas é sempre preciso lutar em oração para pedir uma graça. Sim, por vezes pedimos uma graça de que precisamos, mas pedimo-la assim, sem querer, sem lutar; não é assim que se pedem coisas sérias. A oração

é uma batalha e o Senhor está sempre conosco.

Se num momento de cegueira não conseguirmos vislumbrar a sua presença, conseguiremos no futuro. Também nós um dia poderemos repetir a frase que o patriarca Jacó disse certa vez: “Em verdade, o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia!” (*Gn 28, 16*). No final da nossa vida, olhando para trás, também nós poderemos dizer: “Pensava que estava sozinho; não, não estava: Jesus estava comigo”. Todos poderemos dizer isto.
